

“**Me criei no mar, em cima do mar”**: pescadores,  
**narrativas e fotografias em São Francisco do Conde-BA**

Davi Henrique Correia de Codes<sup>104</sup>

Marco Antônio Leandro Barzano<sup>105</sup>

## **Resumo**

Esta escrita vem apresentar uma jornada com três pescadores de São Francisco do Conde – BA, na Baía de Todos-os-Santos, e seus saberes acerca do meio ambiente. Considerando que são arremessados fazeres/técnicas diferenciados quando pensamos em Educação Ambiental, a partir de uma experiência estética, optamos por navegar por águas mais repletas de formas e texturas e por escrever fotografias. Esses são nossos descaminhos metodológicos. Demos vazão a uma importante mistura entre escuta e olhares atentos aos que vivem e sabem sobre o meio ambiente, aqueles a quem chamamos de moradores do mar. Saberes narrados e grafados em imagens possibilitam-nos pensar a experiência e é esta a proposta que trazemos para este texto. Apresenta-se neste texto a força de vontade que nos guiou e principalmente guiou os mestres, para tentar encontrar em si mesmos expressões, reações, sensações do que é ser um pescador, do que é viver em São Francisco do Conde, do que é arremessar nas águas, desejos. Além do empoderamento, defendemos que esses sujeitos são aqueles que também possuem legitimidade para ensinar sobre meio ambiente e culturas. Nesta investigação, criam-se frestas para pensarmos, primeiramente, a força da centralidade das culturas para/na Educação Ambiental, ou seja, para extrapolar a discussão crítica e possibilitar pensarmos outros aspectos, associados às culturas, que necessitam de olhares investigativos, como a própria fotografia.

---

104 Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem experiência na área de Educação Ambiental, História Oral e Fotografia.

105 Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuando no curso de graduação em Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação (UEFS) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Atua como presidente da Associação Brasileira de Ensino de Biologia.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Educação Ambiental. Experiência. Memória. Fotografia.

### **Abstract**

This writing is presenting a journey along with three fishermen from São Francisco do Conde - BA, in Baía de Todos-os-Santos, and their knowledge about the environment, while being flung doings / differentiated techniques when we think of Environmental Education, from an aesthetic experience, we chose to navigate through waters teeming with shapes and textures, we chose to write photographs, and these are our methodological detours. We gave vent to an important mix between listening and watchful eyes towards those who live and know the environment, those whom we call the residents of the sea. Knowledge narrated and typed in images allowed us to think about experience and this is the proposal that we bring to this text. Willpower is presented in this text which guided us and led mainly the masters, trying to find in themselves, expressions, reactions, feelings of what is to be a fisherman, what is to live in São Francisco do Conde, what is it throwing in waters, desires. Besides empowerment, we argue that these masters are the ones who have the standing to teach about the environment and cultures. In this investigation it creates cracks to think, first, the strength of the centrality of culture to / in Environmental Education, or extrapolate the critical discussion and enabling think other aspects related to cultures that requires investigative looks like the photograph itself.

Keywords: Cultural Studies. Environmental Education. Experience. Memory. Photography.



A imagem que trouxemos como “epígrafe” expressa um fragmento da cidade de São Francisco do Conde, no estado da Bahia. Ela também dá sentidos que encarnam os autores desse artigo que, nos últimos anos, têm procurado movimentar o pensamento sobre Educação

Ambiental, escapando de temas consolidados/territorializados, para apostarmos nas pedagogias culturais, inspirados no campo teórico dos Estudos Culturais e da vertente pós-estruturalista.

A “epígrafe-imagem” foi capturada por um pescador<sup>106</sup> para que pudéssemos conhecer um pouco dos elementos ambientais simbólicos para sua memória, correlacionados ao seu modo de vida, incluindo signos socioculturais, de pertencimento ao ambiente (FREIXO e TEIXEIRA, 2008). Inspirados no filme *Nascidos em Bordéis*<sup>107</sup>, as fotos êmicas, aquelas produzidas por pessoas do lugar, foram a potência do nosso trabalho.

Procuramos apresentar nossa experiência investigativa utilizando a fotografia como ferramenta para nossos “descaminhos metodológicos”<sup>108</sup>. Nossa intenção tem sido a de contribuir para uma Educação Ambiental a partir de uma experiência estética, pela fotografia.

Para enveredarmos por esses desvios, escolhemos as paisagens ambientais da cidade e procuramos conversar com três pescadores sobre aquele lugar e, para isso, pedimos que cada um deles fotografasse aquilo que eles imaginassem o que seria importante registrar sobre o ambiente da cidade. Nosso desejo foi que tais fotografias pudessem narrar o trabalho, o cotidiano, a vida daqueles pescadores e das relações que estabelecem com o meio ambiente.

Saberes narrados e grafados em imagens possibilitam-nos pensar a experiência e é essa a proposta que trazemos para este texto. Temos apostado em um conceito de experiência apontado por Denilson Lopes, em que esta

tem por função retirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo. A experiência revela e oculta, tem espaços de luz e sombras. A experiência não é apreendida para ser repetida, simplesmente, passivamente transmitida; ela acontece para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças (2007, p. 26).

Ressaltamos que a metodologia traçada nesta pesquisa possibilitou-nos inspirações poéticas que reverberaram à medida que entrávamos em contato com o lugar e as pessoas e aqui compartilhamos nas bordas.

---

106 Seu Zequinha capturou essa fotografia. Quando estávamos concluindo este texto, soubemos de seu falecimento. Fica aqui nossa gratidão a este pescador-narrador, rico de sabedoria ambiental, que tanto contribuiu para nossa pesquisa.

107 Zana Briski / Ross Kauffman, Estados Unidos, 2004.

108 Inspirados no texto de Maria Isabel Bujes (2007): Descaminhos.

## **“Fotografia eu não tenho não, eu tenho lembrança”- delineamentos iniciais**

Quando solicitamos aos velhos pescadores que trouxessem fotografias para que esses artefatos pudessem disparar lembranças e eles contassem suas histórias, fomos informados por eles que não seria possível trazer as fotografias, mas que poderiam contar-nos sobre suas lembranças e, desse modo, procuramos enveredar nessa proposta, pois ela nos remete ao que aprendemos com Beatriz Sarlo (2007): “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” e continua: “a lembrança insiste porque de certo modo é soberana e incontrolável (em todos os sentidos dessa palavra). Poderíamos dizer que o passado se faz presente (2007, p. 09-10).

Para auxiliar nessa “lembrança incontrolável” persistimos na ideia da fotografia. Mas, diferente de encontrar uma que fosse do passado, preferimos solicitar que a imagem fosse do presente, daquele momento, pois a intenção era que o instante capturado fosse fixado para a utilização em outros tempos e espaços.

Analisar as fotografias e ter mais tempo para promover em nós os sentidos de São Francisco do Conde, possibilitando que enunciados e imagens fotográficas pudessem contribuir para o “predomínio do olhar” (SOARES, 2008) na Educação Ambiental. Assim como para AlkWunder (2008, p. 3):

busco uma poética e política de possibilidades para pensar as fotografias [...] não como documentos que atestam fatos ou como objeto de análise de visibilidades, mas como lâminas que possibilitam novas e infinitas dobras de sentidos. Um pensar que mude seus rumos pela passagem inexorável da luz: uma forma, um brilho, um gesto que nos atinge. Uma aventura não programada de nossos dizeres.

As fotografias produzidas possibilitam-nos pensar e enxergar uma outra cidade, um outro território tra(du)zido por aquelas fotografias. São Francisco do Conde. Nada daquilo que aprendemos um dia e que se fixou em nosso pensamento. Nada daquilo que nos ensinaram e insistiram em chamar de Educação Ambiental, cultura popular, comunidade ribeirinha, pescadores, marisqueiras.

Em nossa investigação, demos vazão a uma importante mistura entre escuta e olhares atentos aos que vivem e sabem sobre o meio ambiente, aqueles a quem chamamos de *moradores do mar*. Essa escrita vem apresentar uma jornada junto a três moradores do mar de São

Francisco do Conde – BA, na Baía de Todos-os-Santos, e seus saberes acerca do meio ambiente, enquanto são arremessados fazeres/técnicas diferenciados quando pensamos em Educação Ambiental.

Desse modo, vale registrar que os estudos de Guimarães e colaboradores (2003), Sampaio (2005) e Guimarães, Krelling e Barcelos (2010) contribuíram significativamente para olharmos a Educação Ambiental como campo contestável, plural e móvel, centrado, mas, ao mesmo tempo, deslocado pelas margens (GUIMARÃES; KRELLING; BARCELOS, 2010).

Percorrer o distinto caminho de uma investigação feita em ambiente colorido pelas águas e matas de São Francisco do Conde afeta não apenas quem a faz, mas como fazê-la. Serão apresentadas imagens de uma trajetória desencontrada entre exatidão, percepção e sentidos, mas que expressam com muita força as pegadas deixadas e recebidas nessa história.

Este texto reúne não apenas escritas fotográficas do primeiro autor, mas inclusive dos sujeitos encontrados nesse percurso. Imagens desinteressadas em transmitir uma identidade cristalizada, mas, sobretudo, motivadas pela inquietação não só de quem as constrói como a de quem as observa, para além de experimentações em forma de poesias que frutificaram por meio de cada vento soprado ao pé do ouvido desses narradores. Algumas das poesias e imagens nos acompanharão como correntes, igualmente as letras que, quando pensadas, escorregam e inventam as palavras.

A poética da linguagem imagética, deste modo, será incertamente narrada por aqueles que a inventam. São criações multiplicadoras de sentidos, mas que conferem ao mesmo tempo, tanto certezas quanto incertezas sobre o que nessas imagens podemos ler. Dos autores, um rico estranhamento. Dos mestres, descontínuo viver.

*Caminhadas por entre grãos, de areia e de palavras. Uma lembrança que chega e assusta quem a tinha e quem a ganha. (CODES, 2011)*

São pescadores, possuidores de uma complexa relação existente entre a profissão exercida e a apropriação da temática ambiental. Sujeitos de sua própria construção multidentitária, cujo exercício do trabalho extrapola a definição de atividade produtiva e passa a se configurar como modo de vida, integrando-se à subjetividade individual e configurando-se como cultura.

A partir de Reigota (2010), evidenciamos nossa preocupação em assumirmos a possibilidade de dar voz e escuta a quem vem das margens e, mais que isso, permitir que a voz deles, impostamente “margi-

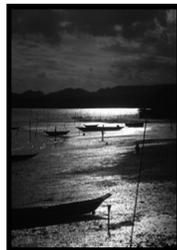
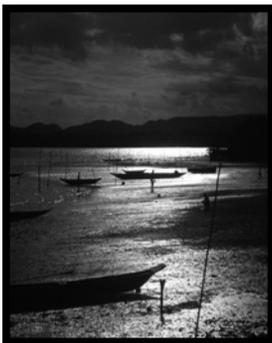
nalizados”, tenha ressonância no curso de Ciências Biológicas, lugar em que nós, autores desta escrita, estamos envolvidos e que, por muitas vezes, equivocadamente ou não, responde por ser um curso com “legitimidade” para tratar de Educação Ambiental.

*Agora ao chão, me afasto da vida de outrora e me permito com o vento o voo para o incerto, contudo carregarei comigo, o que puder recordar. (CODES, 2011)*

O que elegemos olhar em São Francisco do Conde foi conhecê-la pelas lentes e narrativas daqueles que nela vivem, de seus saberes encarnados, das suturas marcadas em seus corpos, da memória realidade/ficção e tudo isso conectado com o meio ambiente.

Nesta escrita, pretendemos recuperar os enunciados desses pescadores, com a intenção de contribuir para a produção do conhecimento sistematizado sobre São Francisco do Conde. Além disso, preservar e ressignificar a memória desse lugar, narrada pelos sujeitos que nela vivem há muitos anos e, por isso, são os verdadeiros detentores do saber sobre o meio ambiente, culturas, subjetividades, imaterialidade do patrimônio e os valores simbólicos.

Sendo assim, poderíamos lembrar o que relatam Toledo; Barrera-Bassols (2010), para quem, para se compreender de maneira adequada os saberes tradicionais, seria então necessário entender a natureza da sabedoria local, que se baseia em uma complexa inter-relação entre as crenças, os conhecimentos e as práticas. A natureza é concebida, valorizada e representada sob seus domínios visíveis e invisíveis. As sabedorias tradicionais se baseiam nas experiências que se têm sobre o mundo, seus feitos e significados, e sua valorização de acordo com o contexto natural e cultural onde se desdobram.



Foi-nos permitido trabalhar sobre questionamentos que Reigota (2003) muito bem relaciona, como, por exemplo: “Como cada pessoa dá sentido (social) à sua existência? Como narra a sua trajetória e como é a contextualização com a história social? Como, mediante narrativas pessoais, podemos aprofundar o conhecimento sobre aspectos negligenciados pela historiografia oficiosa ou oficial?” Essas e outras tantas que são intrinsecamente desassociáveis ao meio ambiente local, e mais, foco de disputa social, política, cultural e econômica pelos atores que a compõem.

Disputas estas que se instauram quando nos utilizamos da Memória. Fonte das nossas narrativas e universo de onde são trazidos os saberes e constructos da vida. Uma memória que está diretamente ligada a uma identidade própria e que se manifesta por meio dos enunciados.

Logo, o resgate dos saberes tradicionais, como fruto de uma memória, permite um novo campo na reflexão dos rumos tomados pelo modelo racionalista da degradação do meio ambiente. Mas, é claro, não seria tão simples percorrer tais meandros, por isso mesmo optamos por navegar por águas mais repletas de formas e texturas, optamos por escrever fotografias.



Apostamos nesta caminhada, na utilização de ferramentas que nos auxiliassem no processo de rememoração, mas ainda na construção de um sentido ambiental do viver e fazer que extrapolasse a temporalidade fluida de lembrar/esquecer, mas também oportunizasse o materializar do ver/não ver. São as fotografias uma escrita e os olhos de nossas narrativas ambientais em São Francisco do Conde. O uso delas ganha uma perspectiva principal nesta trajetória, em que a ferramenta seria utilizada para captura e construção de imagens e, ainda, significações, a partir das leituras e vontades, dos próprios pescadores.



Foi solicitada aos mestres a utilização de imagens fotográficas de sua autoria para que melhor compreendêssemos as percepções acerca do meioambiente e da cultura local. Contudo, fizemos desse material uma utilização não apenas com base na visão – o que víamos do fotografado – mas, sobretudo, com base na escuta – o que ouvimos sobre o fotografado. Uma escuta dos sentidos imagéticos que extrapolam a composição dos elementos da imagem e ganham novos significados diante do olhar daqueles que se misturam com a paisagem ao seu redor.

Imaginamos, dessa maneira, romper com a representação fotográfica, pois, mais que fixar os elementos que compõem a imagem, preferimos que as fotografias nos oferecessem os sentidos que elas produzem (para os pescadores e para nós mesmos).

Em associação à memória, as imagens vão desenhando saberes e desenrolando narrativas que expressam múltiplos sentidos para cada indivíduo. Lembranças vivas, onde residem marcas que muitas vezes foram silenciadas pela construção das verdades “oficiais”, ou desprezadas por ser fruto das subjetividades.

Para Felizardo e Samain, a fotografia:

suscita e ressuscita sentimentos. Esta é uma qualidade inexorável da fotografia que independe de seu tempo e do modo como foi produzida e pode atuar tanto na memória individual quanto na coletiva. Em nível individual, uma fotografia pode reavivar sentimentos antes esquecidos, relativos a um momento ou a uma presença que não está mais entre nós, ou trazer, por instantes, sensações vividas em determinada época e que já não existem mais; ela cumpre o seu papel na rememoração, na reminiscência e na redescoberta dos fatos (2007, p.215).

*Entre cores e sons, escolho o instante para eternizar; são fotografias do cotidiano de uma natureza distinta....* (Codes, 2011).

Percebemos que as imagens, tanto a que nós construímos nesse emaranhado de possibilidades quanto as que os próprios mestres construíram, estariam à deriva se não tentássemos estimular seu potencial narrativo. Para Darbon (2005), a fotografia não deve ser considerada como portadora de um sentido em si, mas de uma “intencionalidade inata”, estando de alguma forma subordinada à narrativa, uma vez que quem confere sentidos à imagem são as pessoas que as produzem, nos contextos e nos lugares em que são produzidas. Faz-se necessária, portanto, a descrição narrativa

para melhor entendermos as conexões existentes entre as escolhas da composição dessas imagens.

Para Alik Wunder, “Uma busca pelo sentido da imagem deveria estar menos centrada na retenção e mais na sua força de expansão. Fotografia-ficção que não para o tempo, não reproduz um acontecido... acontece”. Tal como indica ainda essa mesma autora: “No interior do desejo de captação dos sentidos por imagens, efetua-se a força de expansão e invenção” (2009, p. 08).

Desse modo, esses sujeitos e suas construções imagéticas foram foco da proposta deste trabalho. Foram buscadas suas trajetórias de vida e sua relação estabelecida com a percepção sobre o ambiente em que vivem. Para isso, escolhemos como suporte teórico-prático as palavras que permeiam e exalam das imagens fotográficas.

*Se por fora há um traço que pareça cansaço, é puro mormaço da rotina de viver....* (Codes, 2011).

### **Em São Francisco do Conde, vive o mar...**

O caminho nos levou ao mar, mar este de São Francisco do Conde, município localizado dentro da Baía de Todos os Santos. Uma região de grande importância histórica, ambiental e sociocultural para o



Brasil. Rica em diversidade biológica, com seus remanescentes de mata atlântica, manguezais, restingas e áreas úmidas que servem ainda hoje como base da subsistência de centenas de comunidades ribeirinhas que nela habitam. Contudo, uma região que vem sofrendo mudanças socioambientais significativas, sobretudo

a partir dos processos de urbanização e industrialização que tem se intensificado desde os anos sessenta do século XX (BANDEIRA, 2009).

A cidade de São Francisco do Conde foi fundada no ano 1697. Possui uma população total de 31.699 habitantes (IBGE, 2009). Nesse mar não muito incomum habitam senhores(as) do fazer artesanal e dos hábitos detalhados de uma vida simples mas incrivelmente completa de riquezas. Possuidores de diferentes trajetórias de vida, mas que possuem a pesca como seu fazer/ser que os une.

Possuidor de um belo mar, repleto de canoas flutuantes e de homens e mulheres corajosos. Um mar, cenário do cotidiano de muitos que dele desfrutam, fonte para muitos que dele dependem, sonho para muitos que a ele enaltecem.



Em São Francisco do Conde, a busca pelas imagens nos apresentou muitas possibilidades, dentre elas, explorar suas ruas coloridas pelas casas que contrastavam com a uniformidade do azul do céu e o verde dos manguezais.



Estava presente o fascínio e era latente no nosso olhar, até então, de etnógrafos turistas<sup>109</sup>, cuja aspiração pelo exótico se buscava seja pelos percursos a pé ou pelas máquinas fotográficas em meio ao cotidiano local. Esta relação, entre natureza e seres humanos, melhor se apresentou quando nos dispomos a ouvi-los.

---

109 Sobre o Etnógrafo-turista, ver trabalho de Santos, L. H. S. dos. Sobre o etnógrafo- turista e seus modos de ver. In: COSTA, M. V., BUJES, M. I. E. **Caminhos Investigativos III**- Riscos e possibilidades de pesquisa nas fronteiras. RJ: DP&A, 2005.



Belos bairros que contornam o litoral da cidade, de desejos de maior destaque e assistência, povoado nada mais nada menos que pelos depoentes dessa trajetória investigativa, os pescadores. Além de marisqueiros e marisqueiras, artesãs e outros senhores da sua natureza, que se confundem, sobretudo, com os limites do que é seu corpo e o que são as folhas aos seus pés.

Povoado e povoante da cultura dinâmica de indivíduos que compartilham das relações com a natureza para sobreviver e viver. Nesse mar, encontramos alguns mestres. Seu Dé, Seu Veinho e Seu Zequinha.

Notáveis sujeitos que compartilharam conosco dois anos de trabalho e acreditaram, inclusive, no fazer imagético que a eles ofertamos. Tiveram em acolhimento máquinas fotográficas descartáveis que lhes ajudassem a criar imagens. Uma diversa inspiração de proposta que se equiparou, inclusive, nos caminhos escolhidos por Alik Wunder, quando nos mostra “a imagem não somente como expressão visual das experiências, mas ela própria como um espaço de experiência” (2009, p.16).



### “A canoa tava a disposição...” – Elementos em São Francisco do Conde

Como modo vibrante dessa experiência com fotografias auto-rais, baseadas exclusivamente nos interesses e anseios de sujeitos com uma estreita relação com a natureza, as fotografias que são apresentadas neste texto são resultado dessa força de vontade que nos guiou e

principalmente guiou aos mestres, de tentar encontrar, em si mesmos, expressões, reações, sensações do que é ser um pescador, do que é viver em São Francisco do Conde, do que é arremessar nas águas, desejos.

Para os sentidos buscados nas imagens construídas pelos pescadores, traçamos uma perspectiva sem expectativas de dizeres descritivos da forma ou composição daquilo que foi produzido. Insistimos apenas no desejo de escuta. Escuta atenta e superior à visão dos elementos ali presentes. Escutávamos a imagem, que por entre ondas de certezas e não certezas faziam dos mestres pescadores narradores de uma outra história.

Uma aproximação talvez daquilo que Alik Wunder chama de *potência da imagem*:

A potência que me movia era justamente do inominável, dos sentidos em constante escape e desconexão. Mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui uma força outra, efetua em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes, em tênues expressões e deixa a abertura para sentidos não determinados (2010, p.04).

Selecionamos apenas duas imagens de tantas que foram elaboradas. Uma escolha parcialmente aleatória, mas, como qualquer outra, poderia ser bem apresentada e demonstrar a potencialidade desta experiência. Uma sequência não explicativa entre imagem e narrativa, demarcada pela ausência de sons que melhor exibiriam a junção descontínua entre escuta e visão.

Seu Zequinha contempla suas imagens, narra, pois, aquilo que lhe chama atenção, impressionantes referências dos elementos que o cercam, consciente de suas marcas presentes/ausentes nesses cenários.

*Canto, encanto, daquele que não me vê. Sinto por dentro as ardências do visto e ouvido de um dia que o sorriso me fez perceber que nada mais valia ou vale parar para ver. (CODES, 2012.)*

Para seu Veinho, múltiplas interferências lhe concedem uma narrativa singular. Rememoração de outro tempo que segue como tempo presente. Intenções, anseios, desgaste e enaltecimento por registros que explicitamente lhe concedem uma descrição da primeira imagem que aqui apresentamos, muito além de luz e cores:



*\_ Isso aqui são uns banheiros... na festa de São João, aqui na orla aqui, que botaram uns banheiro aqui. Aqui é uns pé de coco, ai é pegando com Cajaíba<sup>110</sup>... tem o coco com Cajaíba... era pra pegar Cajaíba toda! Aqui é a orla pesqueira, o porto(...) Eu escolhi ela assim porque...aqui hoje, essa orla, era onde, os pescadores tinham uns quartozinhos de guardar seus materiais, que é chamado pelos indígenas de, tijupá...tijupá, é... que naquela época que tinha aldeia, era, não tinha, Petrobrás, não existia, prefeitura, então os indígenas vivia de caça e pesca, e eles tinha a aldeia, a oca né? E o tijupá. O tijupá é aonde ele guardava seus materiais de caça e pesca... A gente tinha isso aqui, ai desmancharam pra dar visão a, a Cajaíba, desmancharam nossas casinha de guardar nossos materiais, tudo, hoje nós estamos assim oi, guardando nossos matérias debaixo de pé de pau, ai a turma roubando(...) derrubaram nossas casas e nós estamos ai, até hoje, lutando, brigando por um espaço...*

Onde víamos serenidade, escutamos aventuras. Na conversa com Seu Dé, nos deparamos com enredos fantásticos de suas *narrativas maravilhosas*<sup>111</sup>, uma surpreendente conexão de dimensões que fortemente se constroem pela emblemática imagem da natureza pulsante, destacada nesta segunda imagem:

---

110 Cajaíba é o nome da ilha a qual se situa defronte do Cais de São Francisco do Conde

111 Tomando como aporte conceitual os fundamentos do historiador francês Jacques LeGoff, o “maravilhoso” diz respeito ao mundo do sobrenatural e do extraordinário e é um elemento constituinte da cultura mental de um povo, em particular, das sociedades de matrizes não urbanas. Nesse sentido, trata-se de casos surpreendentes ou enigmáticos que envolvem as pessoas e ações realizadas junto a natureza.



*\_ Numa ocasião a gente panhô uma canoa, qualquer canoa dos outros, que a gente ia, voltava logo, era de noite, a canoa tava a disposição, e ai, nós panhô a canoa e foi fachear [técnica de pesca em água rasa com facão, feita a noite com um facho de luz, no caso, o fogo]. Primeiro, a gente na hora de vir embora, andou mais ou menos sessenta minutos pra achar essa canoa, sem achar. Quando nós avistou a canoa, ai, um cara sentado na canoa, sentado fumando um charuto. Dai, a gente –Ah! A canoa é aquela - ai o companheiro disse – Não, mas ali é outro pescador que ta fumando na canoa- Dai nos começou a andar[...] quando chegou lá, era a canoa, não tinha ninguém na canoa! Sentia só aquela fumaça. Ai, nós pegou, entrou na canoa e veio embora. No meio do mar a canoa arrombou! A gente tirou camisa pra tentar tapar o furo da canoa pra chegar em terra e os outros dois, remando. Ai nós conseguimos chegar em terra, marrrou a canoa e veio embora, pra que ninguém visse a gente chegando na canoa pra não dizer que a gente roubou a canoa. No outro dia que a gente veio olhar a canoa, a canoa não tinha nada!...Tava inteira, tava perfeitazinha! A merma canoa!*

## Considerações que não permitem a finalização

A etapa que concluímos nesse ciclo da pesquisa possibilitou-nos disparar outras iniciativas de trabalhos investigativos. Uma etapa se encerra e cria frestas para pensarmos, primeiramente, a força da centralidade das culturas para/na Educação Ambiental, ou seja, extrapolar a discussão crítica e possibilitar pensarmos outros aspectos associados às culturas e que necessitam de olhares investigativos, como a própria fotografia, o cinema, os museus, a mídia (as revistas, os jornais, a televisão, as redes sociais), a literatura, o teatro, entre outros.

Nesse texto, não tivemos o objetivo de mostrar “didaticamente” *como* trabalhar com fotografias na Educação Ambiental, mas de mostrar a compreensão que temos estabelecido da fotografia como texto cultural, aquilo que extrapola a representação e nos mobiliza a pensar como essa linguagem pode nos afetar e dar sentido tanto para quem produz a fotografia como para quem contempla.

É sabido que no campo da educação, em geral, as contribuições de Dewey e Tardif se aproximam daquilo que é conhecido como o “saber da experiência”. Há também no pensamento de Jorge Larrosa a noção de experiência a partir daquilo que “nos passa, o que nos acontece ou nos toca” (2004, p. 152). Sem a pretensão de esgotar a discussão, consideramos relevante destacar que a noção de experiência apresentada brevemente no texto tem sido inspirada a partir do pensamento foucaultiano e que tem movimentado nossos pensamentos, pois se conecta com a ideia de subjetivação.

A partir desse trabalho, com imagens fotográficas e narrativas de velhos sobre paisagens ambientais, temos percebido que tais artefatos culturais imbricados com os enunciados criam significados e, mais que isso, dá voz aos “sábios-marginais”, aqueles que Marcos Reigota (2010) convoca para ter voz e, ao conseguir isso, esses pescadores serão protagonistas para ensinar Educação Ambiental. Além do empoderamento, defendemos que esses sujeitos são aqueles que também possuem legitimidade para ensinar sobre meio ambiente e culturas.

## Referências

AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos & abusos da historia oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BANDEIRA, F. P. de S. **Estudo etnoecológico sobre a percepção das populações ribeirinhas dos ricos e impactos ambientais na Baía de Todos os Santos (BTS)**. Bahia: INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE – IMA, 2009.

- BOSI, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BUJES, Maria Isabel. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.
- DARBON, S. O etnólogo e suas imagens. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005.
- FELIZARDO, A; SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Rev. Discursos Fotográficos**. Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007.
- GODOI, E. P. de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no Sertão do Piauí**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999, p.28-29.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; KRELLING, Aline G; BARCELOS, Valdo (Orgs.). **Tecendo Educação Ambiental na Arena Cultural**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BRÜGER, Paula; SOUZA, Suzani Cassani;
- ARRUDA, Vera Lícia Vaz. **Tecendo subjetividades em Educação e Meio Ambiente**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003.
- IBGE, 2009. Instituto Geográfico e Estatístico- IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros**, Rio de Janeiro, 2009.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.
- LOPES, Denilson. **A Delicadeza: Estética, Experiência e Paisagens**. Brasília: EdUnB, 2007.
- REIGOTA, M; RIBEIRO, R. P; RIBEIRO, A. **Trajetórias e Narrativas através da Educação Ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, v.11, p.1-6, 2010.
- SAMPAIO, Shaula Maíra V. **Notas sobre a “Fabricação” de Educadores/as Ambientais: Identidades sob rasuras e costuras**. 2005. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2005.
- SANTOS, L. H. S. dos. Sobre o etnógrafo - turista e seus modos de ver. In: COSTA, M. V; BUJES, M. I. E. **Caminhos Investigativos III- Riscos e possibilidades de pesquisa nas fronteiras**. RJ: DP&A, 2005.
- SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia. A Educação do Corpo e o trabalho das aparências: o predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA-FILHO, Alípio (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TOLEDO, V.M; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais, In: SILVA, V. A. da, et al. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. 1.ed. Recife: Nupeea, 2010.

WHITAKER, D. C. A; VELÔSO, T. M. G. (Org.). **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

WUNDER, Alik . Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, A. C. R; GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Imagem e Pensamento e...** Petrópolis: DP et Alii Editora, 2010.

WUNDER, Alik. Uma Educação Visual por entre Literatura, Fotografia e Filosofia. *Políticas Educativas*, v.3, p.65-78, 2009.

WUNDER, Alik. “A passagem de um vazio” em fotografias de escolas. *Revista Comciência*, n. 101, p.1-5, 2008